

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes
PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

Publicações

Annuncios, cada linha, typo comm un.	20 réis
Communicados	60 »
Reclamos	100 »
Artigos	200 »

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros	1.000 »

Quinta feira 4 de fevereiro de 1897

RESUMO

Tiro nacional, por PALERMO DE FARIA. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — Chronica de tiro, por J. FRAGA PEREY DE LINDE. — Tiro Civil, por L. SARAIVA. — Setter irlandez, por H. OLAVRAG. — Tiro reduzido. — Field trials, por H. OLAVRAG. — Carreira de tiro. — Duas palavras, por J. P. — O estorjinho, por H. OLAVRAG. — Casos extraordinarios em caçadas, por NEMROD.

O TIRO NACIONAL

O assumpto que, ultimamente, tem preocupado os atiradores civis é o da pouca frequência da carreira, attribuindo-se esta falta a causas de ordem muito diversa e absolutamente diferentes.

Segundo uns e, não somos dos menos inclinados a aceitar esta opinião, os atiradores tem faltado em consequencia do mau tempo que, como todos sabem, é bastante incommodo na carreira, que está collocada em sitio batido pelos ventos do norte e onde o frio é na verdade intenso, e ainda a descoberto do lado do sudoeste, que não é tambem dos ventos mais agradaveis no inverno.

Segundo outros a má qualidade da polvora sem fumo, tem afastado alguns, que, vendo o mau resultado obtido não estão dispostos a empregar dinheiro sem proveito. Parece que esta razão tem sido causa d'alguns atiradores se conservarem afastados, esperando o momento de ser mudado o cartuchame.

Devemos dizer que nenhum dos atiradores, socios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, disse para a direcção d'esta sociedade cousa alguma a tal respeito até ao momento em que escrevemos, pois se alguma observação tivesse sido feita não temos duvida que a direcção se teria dirigido ao sr. ministro da guerra, pedindo-lhe que mandasse saber na carreira o que havia de positivo na questão dos resultados obtidos com a polvora sem fumo, e convencemos-nos de que s. ex.^a daria as necessarias providencias, afim de se remediar este inconveniente.

O que sobre este assumpto se tem dito é vago, são opiniões dispersas e contraditadas que não nos permitem ter opinião segura, pois se temos ouvido dizer mal da polvora sem fumo, não é menos certo que a alguns atiradores temos ouvido gabar as suas excellentes qualidades.

Diz-se tambem que os atiradores civis se sentem desanimados pela falta de incentivo e de protecção official, e se convencem, por este facto, que o tiro civil não passará entre nós d'um divertimento e nunca atingirá as proporções que seria para desejar e que permitiriam suppor que o paiz inteiro se habilitaria a secundar o exercito e dar á defeza da patria um desenvolvimento, que não será facil conseguir apenas com o elemento militar.

De todas estas opiniões, concordamos plenamente com a primeira; esperamos

as reclamações dos frequentadores da carreira de tiro para saber o que ha de positivo, quanto á segunda; não podemos admitir a terceira, que nada justifica, e que nem sequer tem fundamento.

A protecção official de hoje é sem duvida alguma maior e mais lata do que nos primeiros tempos em que se estabeleceu entre nós o tiro civil. Ultimamente obteve-se do sr. ministro da guerra que o fornecimento dos cartuchos de polvora sem fumo fosse feito pelo mesmo preço dos da polvora negra, embora custem mais caros ao governo; não é muito, mas é alguma cousa que demonstra boa vontade; o concurso de tiro promovido pela Associação dos Atiradores Civis Portuguezes mostrou tambem que, da parte da camara municipal, havia todo o desejo de proteger o tiro nacional e que os particulares começavam a interessar-se por estes exercicios e a comprehender que tinham utilidade e vantagem; e ainda acima de tudo isto sabe-se que El-Rei é o mais dedicado protector do tiro civil, dos mais assiduos frequentadores da carreira.

Onde está, pois, a má vontade das estações officiaes? Com franqueza não a vemos.

Sabemos que faltam os recursos pecuniarios, a concessão de subsidios em cartuchos ou em dinheiro, como se usa nos paizes em que o tiro civil tem attingido largo desenvolvimento; mas não será razoavel e justo esperar que melhorem as circumstancias economicas do paiz, ha annos asoberbado por uma crise que tem affectado todas as classes, crise que afinal não se manifesta unicamente entre nós, mas tem opprimido tambem a Hespanha, a Italia, a Allemanha, a propria Franca, para depois pedir que se attenda ao tiro nacional e se lhe dispensem as protecções, os apoios e os subsidios a que tem direito?

Parece-nos que sim, e só então, quando negados os auxilios pedidos, teremos motivo para afirmar que não se pensa, nem se pretende, nem se quer, que o tiro nacional prospere e se torne uma instituição util pelo seu desenvolvimento e pela sua força.

Mas enquanto não chega esse momento, os atiradores civis devem manter-se no seu posto; sacrifiquem-se um pouco, trabalhem, sustentem a propaganda que com tanto entusiasmo começaram e que com tanto brio tem conservado, para que o fogo sagrado se não extinga e esteja sempre apto para alastrar-se.

Por quantas semsaborias, amarguras e difficuldades não temos nós passado com esta propaganda na imprensa; quantas horas de trabalho, quantas despesas nos tem custado e custa e, no entanto, sustentamos com firmeza o nosso logar, consciuos de que prestamos á nossa patria um serviço, que não será agradecido, mas que não deixa por esse facto de ser sincero e de ser leal.

Para que um povo inteiro se convença da utilidade d'uma instituição, são precisos annos de trabalho assiduo, de propaganda tenaz; não é só entre nós que isto succede; a Franca, por exemplo, ainda hoje faz esforços em favor do desenvolvimento do tiro nacional e, no entanto teve a dura provaçao de 1870 que a convenceu da necessidade de exercitar todos os braços, a propria Suissa onde o tiro é a mais popular das instituições, onde é tradicional, não esquece um só instante que precisa conservar-se na brécha e espalhar por todos os seus cantões a idéa de que a sua força reside na pericia dos seus atiradores.

Não digamos, pois, que entre nós é que nada se faz e nada se consegue; por toda a parte o organismo humano tem os mesmos defeitos, por toda a parte são precisos os mesmos incitamentos.

Convençamos-nos, portanto, de que se continuarmos com affinco, com dedicação, no caminho encetado, de dia para dia novos adeptos virão engrossar as nossas fileiras e que o tempo, o melhor mestre de todos nós, ha de levar aos espiritos mais adversos ao tiro civil, o convencimento de que é uma necessidade imperiosa e urgente, se quizermos conservar a nossa autonomia, se quizermos firmar o nosso dominio colonial, se quizermos ter peso e força no convívio das nações.

Desanimar, ficar parado, quando tanto se tem feito já, seria inutilisar tudo, seria destruir por completo os esforços de tres annos que não tem sido tão estereis e tão improficuos, como os pessimistas querem insinuar.

Unamos-nos todos em um só pensamento, um só fim, um só desejo, o engrandecimento da patria e tudo se fará.

PALERMO DE FARIA.

ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Assembléa geral

REUNIU no dia 30 ás nove horas da noite, sob a presidencia do sr. José Martinho da Silva Guimarães, a assembléa geral d'esta sociedade para apresentação do relatorio e contas da direcção relativos ao anno de 1896 e parecer do conselho fiscal.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, não havendo quem fallasse antes da ordem da noite, foi pelo sr. Palermo de Faria, presidente da direcção, lido o relatorio e em seguida, pelo sr. Lucas da Silva, vogal do conselho fiscal, o parecer d'este, cujas conclusões foram votadas sem discussão e unanimemente.

Pelo relatorio e contas vê-se que a associação tende a desenvolver-se, embora lentamente e que esse desenvolvimento se deve á boa vontade e trabalho incessante dos corpos gerentes e d'um grupo de socios, que, prestimosos e dedicados, não

deixam perder a minima occasião de pugnam pelos interesses da corporação a que pertencem. São por isso uns e outros dignos do maior elogio.

A segunda parte da ordem da noite era a discussão da proposta apresentada pela *Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto*, que havia sido lida na sessão anterior e ficára sobre a mesa. Essa proposta já foi por nós publicada e por isso desnecessario é repetil-a.

O sr. Formosinho havia mandado para a mesa uma outra proposta, na essencia e até na fórma, quasi igual á apresentada pela direcção, differindo apenas d'esta em ligeiras modificações, mais theoricas do que praticas.

Levantou-se sobre o assumpto larga discussão, fallando os srs. Palermo de Faria, Anselmo de Souza, Fraga Pery de Linde e Consiglieri Pedroso a favor da proposta da direcção, e não contra ella em absoluto, mas no sentido de a modificar, os srs. Grillo, Formosinho, Santhiago, etc.

D'esta discussão, que foi acalorada, resultaram considerandos na verdade desagradaveis para a direcção que, apesar de ter sido votada por maioria a sua proposta, ficando portanto prejudicada a do sr. Formosinho, entendeu que devia pedir a exoneração, sendo o primeiro a manifestar esta intenção o sr. Anselmo de Souza, seguindo-se-lhe o sr. Palermo de Faria e Fraga Pery, e os srs. Manuel José de Magalhães e Lucas da Silva, do conselho fiscal.

O sr. presidente da assembléa geral, Martinho Guimarães, ao ouvir o pedido da direcção disse á assembléa que sentia profundamente que a discussão houvesse conduzido a taes resultados, mas que estava certo que das phrases proferidas no calor da discussão nenhuma, por certo, fôra dita com o fim de magoar os que tão dedicados e tão zelosos se haviam mostrado sempre na gerencia da associação e ainda nos esforços e diligencias empregadas para que ella prosperasse e progredisse. Que pedia, pois, á assembléa que desse á direcção um voto de confiança e se manifestasse por fórma a evitar que insistisse no seu intento.

A assembléa manifestou-se effectivamente no sentido indicado pelo sr. presidente, declarando o sr. Formosinho que a sua proposta fôra escripta unicamente na intenção de ser favoravel aos interesses dos atiradores civis e nunca na de offender ou magoar quem quer que fosse; mas que se tal fôra a interpretação dada ao seu escripto ou ás suas palavras dava inteira e completa satisfação e retirava tudo.

O sr. Palermo de Faria agradeceu a manifestação da assembléa e as palavras do sr. Formosinho e declarou que retiraria o pedido de demissão, se tambem assim fizesse o sr. Anselmo de Souza que não estava já presente, pois se este socio fundador da associação e um trabalhador incançavel, a quem tudo se devia nas questões do tiro civil, insistisse no seu proposito, o acompanharia, como sempre havia feito em tudo quanto dizia respeito ao tiro civil.

O sr. Martinho Guimarães encarregou o sr. Palermo de Faria de diligenciar demover do seu proposito o sr. Anselmo de Souza, o que o sr. Palermo de Faria accieitou, podendo nós acrescentar hoje que tudo se resolveu de fórma a não se dar a crise que se annunciava.

Por parte da direcção, o sr. Palermo de Faria propoz para socios honorarios os srs. Sanches de Miranda, em attenção aos serviços prestados por este illustre official

na campanha africana, e tenentes Chrysogono Pinto e Raul Pinheiro Chagas, distinctos e dedicados officiaes em serviço na carreira de tiro da guarnição de Lisboa. A proposta foi approvada unanimemente.

Em seguida o sr. presidente encerrou a sessão eram onze e tres quartos da noite.

CHRONICA DE TIRO

PROTESTO!

Gastei, sem proveito, um vintem (Um vintem!) na compra de dois numeros do *Popular*, de segunda e terça feira, sem ter visto prosa do sr. M., em resposta a que eu aqui lhe dedicára!

Afinal, na quarta feira, lá vem a coisa; mas palavra que ainda lastimo os dez réisinhos que esportulei ao garoto!

Verdade, verdade, eu quasi estava tentado a responder ao sr. M. com a simples transcripção da sua chronica de 3 do corrente; mas tenho em muita consideração o anony mo a quem eu respondo, assignando o que escrevo, para deixar de frisar as deploraveis *confusões* em que o meu contradictor cahiu.

Assim:

1.º—Eu nunca levo de casa cartuchos para a minha *Mannlicher*, porque não tenho *paiol*...

O meu paiol está na carreira, onde ainda, n'esta data, estão ás minhas ordens 750 d'esses cartuchos, tendo consumido, desde 4 de outubro ultimo, 250, sendo:

Em 4 de outubro.....	20
» 11 » »	40
» 18 » »	40
» 25 » »	40
» 1 » novembro.....	20
» 20 » dezembro.....	30
» 10 » janeiro.....	20
» 17 » «	40

Além d'estes, gastei mais 100 no mez de agosto.

Estas notas estão registadas no meu caderno de tiro, com a designação dos agrupamentos feitos, dos alvos visados e das distancias.

(O caderno está ás ordens do sr. M., para verificar).

E o facto de eu ter os meus cartuchos na carreira não é coisa de espantar: o mesmo faz o sr. Freitas com os cartuchos da arma que possue.

2.º—Nunca andei com as minhas medalhas pelas associações: apenas as ponho na minha associação, e em dias de concurso, na carreira.

3.º—Não tenho uma medalha de concurso: tenho duas, uma em concurso official e outra em concurso da associação.

4.º—Não é preciso *decretar* fitas para as medalhas da carreira: quando ali são distribuidas, já trazem fita, azul e branca por signal.

(Está a da minha ás ordens, para se vêr).

5.º—Não tenho medalhas ganhas nas aulas da associação: as duas outras que tenho são ganhas na carreira, por assiduidade n'ella, o que, *ipso facto*, destroe as affirmações do sr. M., que diz não ir eu lá ha muito tempo.

6.º—Quando tomei parte no sarau do Real Colyseu tinha sido premiado em todos os concursos em que tomára parte, officiaes ou da associação; nos que se seguiram é que falhei n'um.

(Coisa de inguiço, porque eu sou infalivel!...)

Ao sarau não levei medalhas.

A proposito: peço ao sr. M. que alluda aos meus premios, para o *reclame* á minha pessoa ficar completo.

Ora já vê que em sete articulados o desmintio.

Ha de concordar em que não é má *ta-reia!*

E quanto á qualidade da polvora, vá lá mais uma liçõesinha:

A que se está empregando, belga, é d'um antigo fornecimento feito ao governo, e de que este se quer vêr livre, ao que parece, á custa dos atiradores civis.

A polvora que de futuro vac ser empregada nas munições de guerra é a de Barreto.

Quanto á falta de precisão dos tiros feitos com a polvora belga, parece ser devida na opinião dos technicos, ao insufficiente travamento dos projecteis nas estrias do cano, pois a força expansiva d'essa polvora, mui superior á da negra, deixa de estar em harmonia com a tolerancia admittida na *folga* das balas, tolerancia calculada para a expansão da polvora negra.

O resultado é que a bala sae aos *trambulhões*, sendo incerto o tiro, por não seguir rigorosamente o projectil o *passo* das estrias.

N'estas condições, é claro que todo o exercicio com tal polvora de nada serve, estando, qualquer que saiba apontar uma arma de guerra, tão habilitado a fazer fogo com essa polvora pela primeira vez como depois de demorada pratica: Vae o tiro *como calhe*.

Pelo visto, o sr. M. é um *M.* que merece, como chronista de tiro, uma medalha, como mereceu a que confessa ter tido como pessimo estudante.

Como pessimo atirador é que nem sequer mereceu ainda alguma!...

E temos conversado, que tenho mais que fazer do que estar a rectificar *confusões* e este periodico carencia de espaço para que eu lh'o occupe em controversias com anonyms, n'um *dize tu, direi eu*, esteril, afinal de contas, e com que nada aproveita a instituição do tiro civil.

Portanto, *M.* á margem!

4-2-97.

J. FRAGA PERY DE LINDE.

TIRO CIVIL

Meu caro amigo:

COM o titulo acima acabo de ler no mui conceituado jornal o *Tiro Civil* de 28 de janeiro ultimo algumas referencias á minha humilde pessoa, firmadas pelo sr. Palermo de Faria a respeito da minha carta publicada no numero anterior. Agradeço penhoradissimo as considerações a que no mesmo tenho jus e quanto á parte dirigente, escusado seria rectificar o apreço e estima em que tenho todo o pessoal da carreira, bem como a amizade que dispenso a todos os meus collegas, *atiradores civis*; e se me queixei, foi de mais alto, como effectivamente v. alludiu. Emquanto ao não concordarmos com a hora do exercicio, sou obrigado a dizer que, quando me referi a hora marcada, foi simplesmente para ponderar que estando na carreira á uma hora e meia, n'este tempo *por exemplo*, não julgo ser demasiado tarde e mesmo poder mudar-se o horario, isto é, em vez de começar o exercicio ao meio dia, ser transferido nos mezes de Novembro a Abril da uma ás tres e meia horas da tarde não parece a v. razoavel?

Não quero dizer com isto, que eu seja

dos mais retardatarios como é facil avaliar pela hora a que chego á carreira, mas talvez a quaesquer outros faça isso differença. A respeito de distancias não fallemos porque eu, comquanto não more muito longe da carreira, poisque como v. sabe, hoje não ha distancias, ainda assim disto, senão leguas, pelo menos alguns kilometros bem medidos, e outros haverá que ainda distem bem mais do que eu.

Já vê v. por isto que é preciso haver muito boa vontade, attentas as circumstancias em que nos encontramos.

Terminando faço ardentissimos votos para que o desanimo não entre nas fileiras; e eis-me sempre ao lado de todos quantos se interessam a valer pelo desenvolvimento do tiro civil.

I-2-97.

Am.º dedicado

L. SARAIVA.

SETTER IRLANDEZ

ACABA de fallecer em Holton, Inglaterra, o reverendo O'Callaghan um dos creadores de cães mais conscienciosos e um dos caçadores mais entusiastas da Irlanda.

Dedicou-se sempre ao estudo e aperfeiçoamento do setter irlandez, entre nós conhecido pelo nome de setter vermelho.

O desenvolvimento muito pronunciado da caixa olfactiva, foi um dos seus intentos felizmente coroado de exito e em breve seguido por outros creadores no apuramento de outras raças.

Hoje em França é esse o ponto de mira da maioria dos creadores, como um bom tipo de formas, com umas ventas bem desenvolvidas e orelhas bem quebradas é o sonho dourado dos verdadeiras amadores.

Ha pouco tivemos casualmente occasião de admirar umas gravuras finamente coloridas pertencentes ao sr. dr. Korth, em que os diversos typos de cães de Paulo Caillard affirmam praticamente a theoria do grande propagandista da revolução cynogética em França.

O'Callaghan, foi em Inglaterra o que Paulo Caillard tem sido para a cynographia da França e auxiliaram-se mutuamente porque Caillard preferindo o setter gordon, tem creado e ensinado setters de todas as raças.

Não ha cão de caça mais resistente, mais vivo e de mais difficil ensino do que o setter irlandez, por isso a missão do reverendo O'Callaghan foi duplamente sympathica.

O reverendo foi um dos membros mais activos e uteis do Kennel Club, engrandeceu o seu nome na cynogética contemporanea, já firmando trabalhos da maior importancia, já conferenciando, ou no campo da honra do caçador, realçando praticamente na planície, no bosque, nos terrenos alagados e nas ribeiras, o brilhantismo das suas theorias.

Foi jury imparcial nas innumeradas exposições para que foi convidado, encarregando-se da apreciação dos cães de caça e dos formosos Terra Nova.

Como todos os entusiastas propagandistas de idéas modernas teve muitos inimigos das suas theorias, mas todas essas vezes se calaram, porque O'Callaghan fazia inscrever os seus cães nas exposições caninas onde muitas vezes conquistaram os primeiros premios e depois como satisfação plena aos seus detractores enviava os seus formosos irlandezes aos mais exigentes *Field trials* * onde igualmente con-

quistaram sempre premios de primeira classe.

Nunca os seus cães admirados por toda a Inglaterra, fizeram parte das exposições continentaes, mas se bem me recordo O'Callaghan foi o juiz da exposição hollandeza em 1891, onde foi a convite do nosso particular amigo Stinstra secretario do Kennel Club Cynophilia.

Foi n'esta exposição e fiado na sabedoria do distincto caçador e creador que mademoiselle van Genus, adquiriu as bases do canil, talvez hoje o melhor da Belgica e da Hollanda, comprando por dez mil francos os quatro cães.

Fermoy, Ventry II, Navan e Erne, que O'Callaghan approvara em toda a linha.

A raça do setter irlandez continuará a aperfeiçoar-se, porque os herdeiros estão dispostos a seguir as pisadas do homem cujo nome ficou para sempre ao lado d'esta raça distincta.

Infortunadamente os caçadores portuguezes são ainda pela sua maior parte inimigos dos cães que caçam largo, preferindo os perdigueiros, que pouco adiantando, pisam o mesmo terreno que elles, mas as ideias vão pouco a pouco modificando-se e pelo sim e pelo não damos em seguida uma lista dos cães setters irlandezes mais em voga e pertencentes ao rev. O'Callaghan que os amadores que queiram introduzir e conservar pura esta raça procurem um d'estes nomes no pedigree do cão que adquirirem.

Com campeonato Geraldine, Shandon II, Avelline e Ganymede etc.

Com premios de 1.ª classe Tocquete, Avoca II, Ina, Ichiquin, Boyne, Drogheda, Hebe, Bantry II, Carrawdore, Lanov, Ponto, Plunkett, Wimine, Tyronne, Rostellan, Tara II, Jona, Kinvara, Ossory, Coleraine, Maurice, Palmerstron II, Dan Moriarty, Finglass Desmond, Doon, Grouse II, Fingal III, Elphin II, Fairy, Drenagh e Drogheda.

H. OLAVRAC.

TIRO REDUZIDO

O *Tir National* publica no seu numero de 30 de Janeiro proximo passado, com o titulo que nos serve de epigraphe, o seguinte:

«O novo systema de tiro reduzido com a espingarda Lebel, cujos excellentes resultados foram publicados já, é objecto d'um exito tão legitimo como merecido. Emprega, como dissemos, o cartucho de revólver modelo de 1892; pode ser empregado muito effizadamente a pequenas distancias, assim como para os tiros a 50 e 100 metros e até 120. A precisão é invariavelmente perfeita, maior do que com qualquer outro systema, e vamos dizer porque.

«E' baseada no emprego d'uma munição com balla de involucro metallico, *para que a arma é construida*. E' preenchida uma lacuna; não existia nenhum processo, verdadeiramente pratico, de executar com a arma de pequeno calibre, o tiro reduzido de instrucção. Com effeito, o que acontecc atirando com uma balla de chumbo, embora comprimido e endurecido em um cano raiado com o passo de 24 centimetros (a balla dá tres voltas sobre si mesma no seu percurso na alma)? Fica no fundo das ranhuras uma quantidade mais ou menos consideravel de chumbo, que a escova metallica não consegue tirar.

«Nos ultimos annos, 75 systemas de tiro reduzido foram propostos ao ministerio da

guerra, para o serviço do exercito. Foram todos regeitados uns depois dos outros pelas commissões de experiencias, não porque saassem da parte civil, pois muitos foram apresentados por officiaes de diversas armas, mas porque todos estes systemas empregavam a balla de chumbo nua, hoje banida das armas de pequeno calibre.

«Agora depois de dez annos de serviço no exercito, a espingarda modelo 1886 não serve ainda para o tiro reduzido! A primeira instrucção é sempre feita com a espingarda Gras, por meio de mãos cartuchos com ballas redondas e carregados com polvora livre no involucro, feitos pelos sapadores dos regimentos.

«O systema posto em pratica pelo nosso camarada, Mr. Puel de Lobel, é muito interessante, simples, commodo e vantajoso a todos os respeito. Actua alem d'isso como *contra-veneno*, porque limpa e tira convenientemente a oxydation produzida pelos residuos não queimados das polvoras que a vareta e a escova, embora metallica, não tem podido expelir do cano.

«Como já dissemos, o cartucho do revólver modelo 1892, fabricado pelo Estado, é uma munição muito bem feita, muito regular, com a qual os resultados do tiro de *precisão* são sempre egualmente satisfactorios, ao contrario das munições de commercio, que deixam muito a desejar, como carregamento e como regularidade, este cartucho tem a vantagem de se introduzir no involucro com a balla ajustada; d'aqui a grande simplicidade e commodidade de carregamento, ao inverso, como se sabe, dos outros systemas, que se carregam por duas vezes, com grande detrimento da precisão do tiro, comprometida pelo vacuo existente entre a carga e a balla, afastadas uma da outra por todo o comprimento do involucro. Alem d'isto não ha nenhuma modificação a fazer na arma. E' ainda uma outra vantagem, real e economica, que não possuem os outros systemas conhecidos.»

FIELD TRIALS

COMO aviso aos amadores que este anno queiram comprar cães de raça e de merito, aqui lhes deixo uma nota dos principaes field trials de que tenho conhecimento.

A 29 e 30 de março os da Sociedade Real de St. Hubert, em Bruxellas.

A 6 de abril do Kennel Club de Londres.

A 9 e 10 de abril o da Sociedade Cynogética Hollandeza Nemrod, de Amsterdam.

Na primavera, e não tem ainda dia determinado, haverá em Roma o field trials da Sociedade dos field trials italianos de Milão.

Quando teremos isto em Portugal?

Estou-lhe vendo tantas difficuldades que bem prova a falta de conhecimentos e de verdadeiros amadores.

Ao passo que os estrangeiros se empenham n'uma campanha para o aperfeiçoamento de fôrmas e desenvolvimento das qualidades olfactivas, o caçador portuguez contenta-se com o primeiro rafeiro ou pondego que queira caçar e, quando nos apparece por ahi algum bastardo das raças estrangeiras é immediatamente guiado ás alturas de campeão, de que muitos cães notaveis não tem conseguido a medalha. Indulgencia dos nossos costumes!...

H. OLAVRAC.

CARREIRA DE TIRO

Domingo 31 de janeiro findo

ALVOS

N.º 1 a 100^m, normal; n.ºs 2 e 3 a 300^m, circular; n.º 4 a 300^m, normal; n.º 7 a 200^m, figura de joelhos; n.º 8 a 200^m, normal.

Arma Kropatchek 8^{mm} m 1886.

Tiros disparados 510, resultado:

	Disp.	Accet.
Alvo a 100 ^m , normal.	10	9
» » 200 ^m , fig. de joelhos....	110	53
» » 300 ^m , circular.....	130	67
» » 300 ^m , normal.....	110	96
» » 400 ^m , normal.....	150	82
Total....	510	307

Acha-se em Lisboa o nosso amigo o sr. Antonio Severo Pereira da Costa, um dos mais distintos atiradores que frequenta a carreira.

Como prova do que dizemos, n'esta sessão, em 10 tiros no alvo a 200^m, figura de joelhos, empregou 10 balas; no alvo a 300^m, normal, em 10 tiros empregou 10 balas; no alvo a 300^m, circular, em 10 tiros 6 balas e a 400^m, normal, em 10 tiros 10 balas acertadas.

Matricularam-se de novo na carreira os srs. James Shore, de 26 annos, natural de Lisboa commerciante e Harola de Jakel, de 29 annos, inglez, negociante.

DUAS PALAVRAS

Meus caros amigos

Já agora deixem-me conservar esta epigraphe *Duas Palavras* e aturem o massador, que cá está elle outra vez, mas magoado e opprimido por uma ideia.

O sr. Baptista de Sá que era dos mais assíduos collaboradores do nosso querido semanario não tem dito nada, e, não sei porque, metteu-se-me em cabeça que talvez a minha carta publicada em 7 de janeiro fosse por s. ex.^a interpretada por maneira que não estava na minha intenção, e declaro desde já que retiro tudo quanto disse, e até quanto pensei, se preciso fór, para ficar certo que não fui eu o causador da calada do sr. Baptista de Sá que já vem longa.

Em o numero de 24 de dezembro proximo passado escrevia o sr. Sá o seguinte: «Não sou agiologo, nem nunca estudei agiographia e não sou, portanto, competente para poder afirmar que o santo em questão se chamava Huberto; o que sei é alguma cousa da sua biographia, muitissimo curiosa para caçadores e mesmo para os que o não são, e é possível, por isso, que um dia, se me derem licença, a transcreva aqui, d'um jornal onde foi ha annos publicada, resumida e traduzida por mim.»

Ora n'estas palavras do sr. Baptista de Sá havia uma promessa, que interessava, certamente, todos os leitores, e eu era dos que antegostava a biographia do Santo Huberto, que foi causa da controversia dos *m m* a mais ou a menos, controversia que, diga-se a verdade, não vivrava o mundo do avesso, nem cousa que se parecesse.

Enganei-me, porém, e o sr. Baptista de Sá emmudeceu, sem eu ver razão ou motivo para nos privar dos seus escriptos. Paciencia.

Como lhes disse a questão do *Huberto* ou do *Humberto* e digam lá como quizerem, porque para mim é o mesmo, atrapalhou-me, e quasi me ia fazendo cair no erro de levar um anno a discutir este caso, como succedeu áquella celebre questão, que o anno de 1896 tenha, e que com elle findou. Felizmente accudimos-lhes a tempo.

O que me traz hoje é outro assumpto, e esse é para mim o principal.

Desagradou-me em extremo a carta do sr. L. Saraiva, e o mesmo direi da do sr. Pery de Linde publicadas ambas em 21 de janeiro passado. E o que direi do artigo do sr. Palermo de Faria?

As cartas e o artigo, tudo mostra que ha na frequencia da carreira de tiro o quer que seja que revella um certo abandono, e não sei o que hei de dizer-lhes, meus caros amigos, mas penso que se as cousas assim continuam nada se conseguirá e o tiro nacional será mais uma tentativa frustrada, mais um desideratum que não se viu realisado.

Decididamente os rapazes de hoje não são da tempera d'aquelles que derramaram o seu sangue pela liberdade e que não hesitaram em arriscar a vida para defendel-a.

Se pensam em abandonar o tiro civil, se não persistem, se não fazem o sacrificio de ir á carreira para dar o exemplo aos indifferentes e chamal-os ao bom caminho, está tudo perdido, e creiam que é para mim de veras dolorosa esta desillusão.

Fui dos que me entusiasmei com as primeiras noticias de que ia fundar-se uma associção de atiradores civis; fui dos que segui passo a passo os progressos conseguidos e não tenho deixado de estudar os resultados dos concursos, as percentagens dos atiradores, a assiduidade d'elles, tudo emfim quanto podia certificar-me de que a idéa fóra productiva, util e patriótica.

Vêr que está ameaçado de ruina tanto trabalho e tanto tempo é um desgosto profundissimo para mim que acreditei na reabilitação da patria e na regeneração de todos nós.

Trabalhem, pois, meus caros amigos, um esforço mais, salvem o tiro nacional porque com elle salvarão a terra em que nascemos.

J. P.

O ESTORNINHO

O *Sturnus vulgaris* é um coninostro muito vulgar em quasi toda a Europa e vive em grandes bandos.

E' uma ave mais pequena do que o melro e com plumagem preta e brilhante, manchada de reflexos verdes e azulados que perdem parte da intensidade quando a ave morre.

O estorninho sustenta-se de bagos de toda a especie mas principalmente a uva e a azeitona são o seu manjar predilecto e n'isto como em muitas outras coisas aproxima-se do tordo, ave de que já fallámos.

A carne do *sturnus* é acre e de um sabor desagradavel, usando alguns caçadores cortar-lhe a cabeça apenas morto, para que a substancia acida que, dizem elles, reside n'aquella parte do corpo se não espalhe pelo resto. Nunca experimentámos este processo, por isso não podemos garantir a sua efficacia, mas os caçadores que sejam conjunctamente gastronomos poderão dizer-nos alguma cousa a esse respeito.

Faz os ninhos nas arvores ou nos muros em ruinas e para esta ave quaesquer folhas ou hervas seccas dispostas sem arte alguma são sufficiente causa p^{ra} a nova prole.

A femca põe regularmente cinco ou seis ovos de côr uniforme azul esverdeado.

O estorninho domestica-se facilmente e vive satisfeito na gaiola, conserva-se alegre e imita bem o canto de qualquer ave. Como a lingua d'esta ave é coreacea, co-

mo a do papagaio e da pega, o *sturnus* chega tambem a articular algumas palavras.

Os bandos de estorninhos voam em circulos ou em espiral e abatem-se muitas vezes nas pastagens onde anda gado, para procurar alimento nos excrementos, sobre tudo de boi.

Esta propriedade foi aproveitada pelos francezes para caçar o estorninho com um boi artificial.

Entre nós caça-se especialmente em novembro e dezembro.

H. OLAVRAC

Casos extraordinarios em caçadas

(Continuação)

EM 1892 ou 1893 fui convidado por um amigo meu de Oliveira d'Azemeis, o sr. Ernesto da Costa Sousa Pinto Bastos para ir assistir á abertura da caça que então era lá em 15 de julho.

A abertura devia realisar-se com uma grande batida ás lebres com galgos e a tiro.

No dia 14 de julho estava em Oliveira d'Azemeis com os meus dois galgos *Tly* e *Thug*.

Fui logo prevenido que teria de caçar a pé, o que me não agradou muito por estar habituado a caçar a cavallo, porque o terreno era todo cortado por muros a circundar os predios sendo por isso impossivel correr a cavallo.

Tive que me resignar.

No dia 15, ás 2 horas da madrugada, fomos acordados por furiosos latidos dos cães, por grandes pancadas na porta da casa dadas por caçadores convidados para a caçada, não fizemos esperar.

D'um pulo, ficámos no meio da casa e d'ahi a pouco estavam todos reunidos na sala do jantar a tomar café e a comer alguma coisa.

Estavamos todos anciosos por principiar a caçar e por isso demorámo-nos pouco a comer, porque ao romper da manhã devíamos estar no monte para aproveitar o tempo antes do calor.

Em quanto tomavamos o café, o meu amigo, protogonista da caçada, não descançou. Chamou os creados, deu ordens para o almoço, e recommendou que ás 11 horas estivessem com elle n'um certo valle, cujo nome me não lembra.

Dadas e repetidas as ordens para que o almoço estivesse no sitio aprasado á hora marcada, partimos.

Não contarei todos os episodios da caçada, porque não me recordo d'elles e só vou descrever um caso extraordinario n'ella succedido e de que me lembro bem.

Depois de termos andado muito e de termos morto algumas lebres, ás 10 horas, principiámos a dirigir-nos porque a fome já apertava, para o sitio onde o almoço não devia esperar, e onde devíamos descansar e passar o calor, para de tarde continuarmos a caçar.

Ainda não eram bem 11 horas, quando chegámos ao tal sitio, que tinha sido admiravelmente escolhido.

Era o valle, povoado de grandes carvalhos, que davam uma magnifica sombra, correndo-lhe pelo meio um regato de fresquissima agua.

(Contimua).

NEMROD.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo 216,